



# Discos e Cassetes

## Uma indústria que renasce

TEXTO DE PAULO SÉRGIO  
FOTOS DE ALBERTO MULANGA E ARQUIVO

A produção discográfica é uma realidade entre nós: Artistas nacionais de renome ou em ascensão na arena musical comportam já 9 edições discográficas num total de 27 mil discos prensados no nosso país. Um projecto de laboração de cassetes de música moçambicana e de ritmos internacionais em voga está em vias de concretização pela Rádio Moçambique — instituição que detém, para já, o monopólio do registo, gravação e edição discográfica em Moçambique. — Afinal, a indústria cultural, do disco e da cassette, é possível!

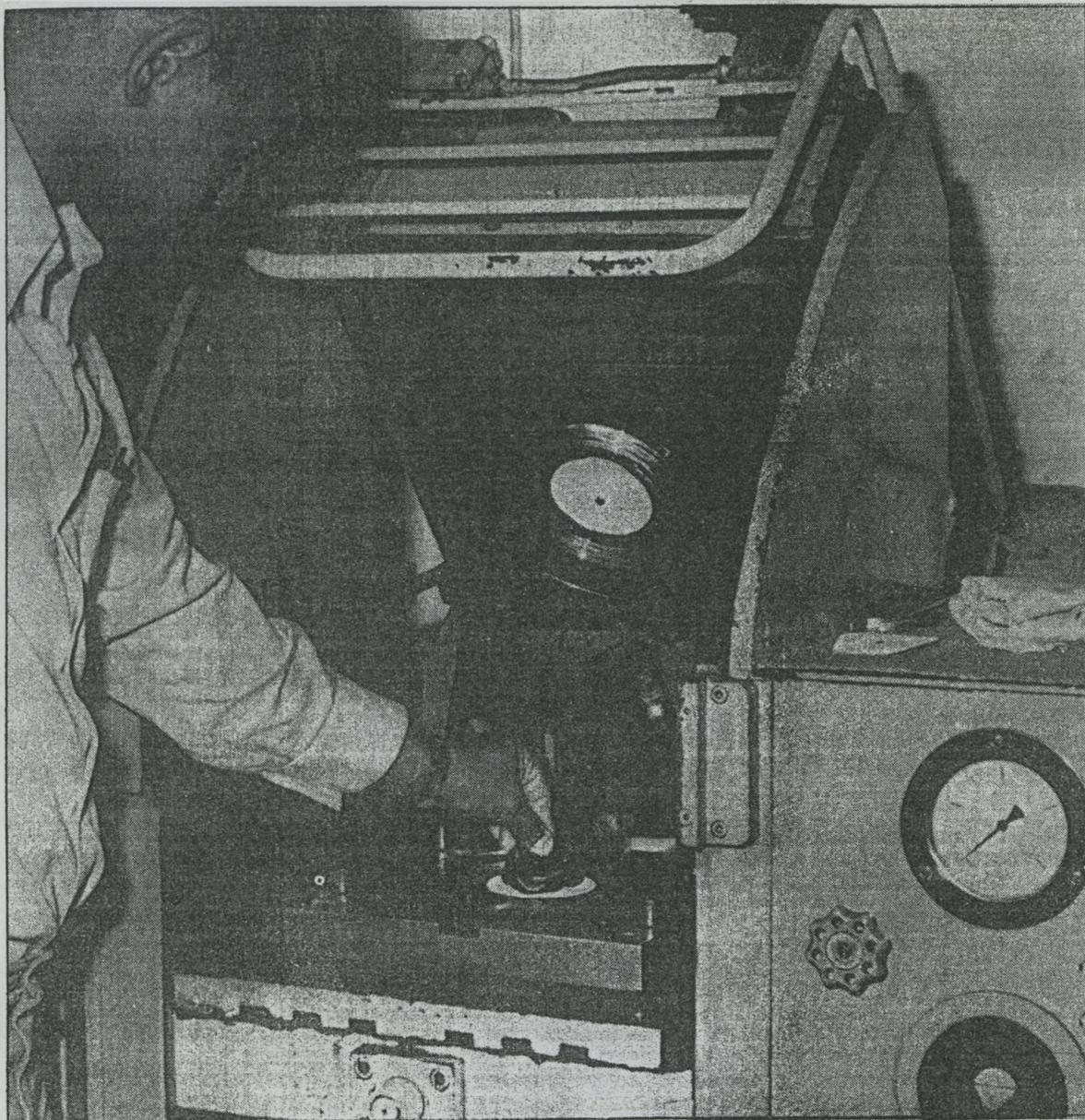
A edição discográfica sob uma perspectiva cultural e artística moçambicana não é nova: já em 1973 discós «singles» de etiqueta «Bayerete» foram prensados pela Teal, de

parceria com a Companhia de Discos de Moçambique, e comercializados. Em gira-discos de moçambicanos então escutaram-se composições, por exemplo, do conjunto

«João Domingos» e do intérprete e compositor João Wate.

A presente produção de disco que se regista sob a batuta da Rádio Moçambique, constitui, para já, o exprimir prático dessa perspectiva, cuja materialização foi retardada e, por vezes, esquecida por razões de inexistência de cambial que proporcionasse a aquisição no estrangeiro, de matéria-prima (PVC e matrizes); pois reportório musical de matiz nacional nunca faltou — mesmo considerando época pós-independência do nosso país, na qual a música (mal) variava entre a intervenção-política e mobilização e moralização revolucionária das pessoas.

Durante o ano de 1989 a produção discográfica registou uma ascensão importante: os finais do



Prensagem de disco: Já não há problemas de falta de matéria-prima

primeiro semestre atestaram a capacidade da Rádio Moçambique funcionar como editora de discos. No dizer do editor discográfico Domingos Macamo, «foi um período eufórico, no qual reiniciámos a produção de discos, muito embora se tenha enfrentado, já no último trimestre, um refreio nessa mesma produção» devido, sobretudo, ao fraco poder de compra dos apreciadores e coleccionadores de música em discos — Em média um «LP» é vendido por três mil meticais, tendo o mesmo «LP» oito faixas musicais e uma tiragem de três mil exemplares!

Um estudo do mercado discográfico está a ser feito no sentido de se apurarem as preferências qualitativas da música em disco na nossa sociedade e atingirem-se



Edição de discos «LP»: Um projecto tornado realidade pela Rádio Moçambique

camadas sociais que, de algum modo, não foram abrangidas pelas primeiras das edições discográficas de música moçambicana. Em função do nosso «marketing» discográfico, a tiragem deverá ser de 1 500 exemplares. Ressurgirão discos pequenos de duas ou quatro composições — os chamados «singles» — para, como aponta Domingos Macamo, «Ir-se ao encontro do poder aquisitivo dos consumidores de discos» por, obviamente, poder custar menos do que qualquer disco «LP» e permitir grosso-modo, divulgar um grande espólio de música feita por artistas hoje desconhecidos.

#### DISCOS OU CASSETES: O QUE É RENTÁVEL?

A aposta na laboração discográfica de música nacional já se traduziu na edição de nove discos «LP's», nomeadamente de música das Paradas-de-Sucesso 3 e 4 e de artistas como Fany Pfumo, Alexandre Langa, Paulo Miambo, Salvador Maurício, Fernando Azevedo e Xidiminguana e de um disco com ritmos de dança de Moçambique. Foi uma aposta que comprovou o interesse da RM na difusão da cul-

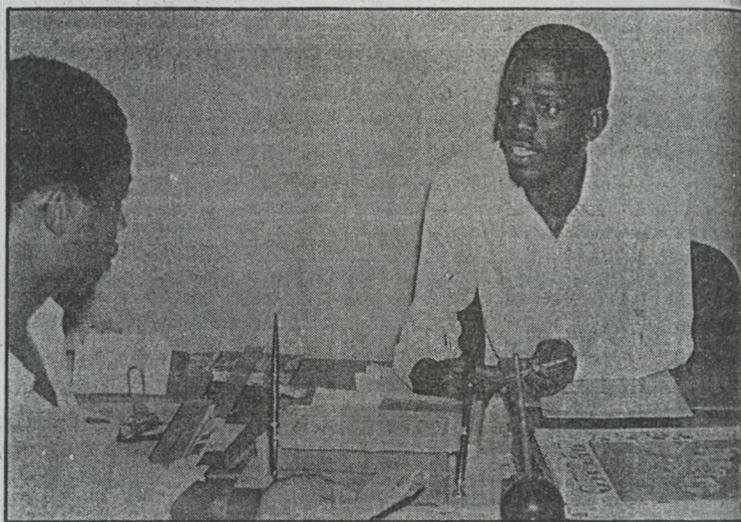
tura-musical contemporânea de Moçambique.

Porém, a experiência comercial registada provou, por enquanto, a fraca rentabilidade comercial dos discos. Isso aconteceu não porque as pessoas menosprezassem a música moçambicana, mas porque a divulgação de música, via cassetes, seja a mais preferida dado os baixos custos (pessoais) de sua preservação, em casa, e de sua reprodução em gravadores. Podem até ser carregadas para todo e qualquer local que se deseje, facto que não acontece com os gira-

-discos modernos e cada vez mais portentosos, com os seus «pratos», mecanismos sensíveis e colunas sonoras.

Assim, com vista a atingir e satisfazer o mercado da recreação musical, através de cassetes, a Rádio Moçambique projecta introduzir o sistema de gravação e produção de música em cassetes. O facto que irá sustentar a grande e anti-económica influência de cassetes-piratas no nosso país, pois em qualquer loja é hoje possível encontrarem-se cassetes gravadas, sem a qualidade exigida comercial.

Editor  
discográfico  
da RM,  
Domingos Macamo:  
A gravação  
para os discos  
tem qualidade!



Gravação na Rádio Moçambique: Salomão Tamele & «Costa Oriental d'África»: Ter discos editados é um sonho realizável

mente e sem sequer respeitar qualquer licença. A Rádio Moçambique vai produzir cassetes «virgem», cassetes com música moçambicana e ainda cassetes com música internacional em voga e que é do interesse da juventude. Já se sabe que a produção de cassetes será rentável em relação à de discos. A certeza é tal que foram recebidos instrumentos e aparelhos de tecnologia adequada para a gravação de cassetes. As primeiras edições serão de composições ora em discos «LP», editadas pela Rádio Moçambique, em Maputo, para beneficiar as pessoas que não têm gira-discos, mas que possuem gravadores. Mais tarde, haverá edições simultâneas de discos e de cassetes de música com ritmos nacionais. A «Parada-de-Sucessos» 3 e 4 reúne canções-ligeiras de intérpretes como Leo Mthembo, Humbe Benedito e Avelino Mondlane, entre outros e o conjunto «Soyuz» e é um dos discos mais vendidos. Por isso, as canções que comporta deverão ser gravadas em cassetes!

A par do redimensionamento da produção de discos «LP's» e «singles» e de cassetes, a RM vai melhorar o aspecto gráfico das (fu-



**Cantora Luísa Boaventura:**  
A mulher-artista também canta na esperança de ver disco seu gravado

turas) capas de discos, acatando, assim, a crítica feita pelo público, pois os capistas dos discos, ora editados, manifestaram fraca criatividade gráfica. O pressuposto de que disco, para além de cultura, é arte, é mercadoria, tem de prevalecer em qualquer das capas de disco a editar. Um contrato com a Intermark poderá viabilizar a existência de capas melhores.

#### **PVC E MATRIZES: NÃO PODE HAVER CRISE!**

A paralisação da produção discográfica, entre 1985 e 1989, devido à falta de matéria-prima (PVC e matrizes), está agora em vista de ser esquecida por um projecto de edição de discos sustentada por uma existência de 72 toneladas de PVC.

Crise de matéria-prima já não vai, nem pode, haver, por se ter assegurado por um lado, o contrato de manufactura de matrizes na África do Sul, e, por outro, o acondicionamento de PVC, na Rádio Mo-

çambique, em Maputo. Matrizes são discos de metal fino que comportam música gravada em estúdios com que se reproduzem, a jeito de fotocópia, as quantidades de discos «LP's» ou «singlas» encomendados. O PVC é a substância preta, derivada do petróleo, que constitui o próprio disco.

Segundo Domingos Macamo, «a qualidade das matrizes feitas pelos sul-africanos não é má». No dizer do editor discográfico Domingos Macamo, «a qualidade dos discos também tem muito a dever às diferenças que as gravações em estúdios, a oito ou dezasseis pistas, impõem»: Em dezasseis pistas há melhores técnicos de gravação e, sobretudo, de introdução de mais «recheio» orquestral nas músicas.

Desde que a edição discográfica foi reiniciada pela Rádio Moçambique, não se registaram queixas sobre qualquer fraca ou baixa qualidade dos discos vendidos, como seja o aparecimento de discos empenados ou com mossas. Há

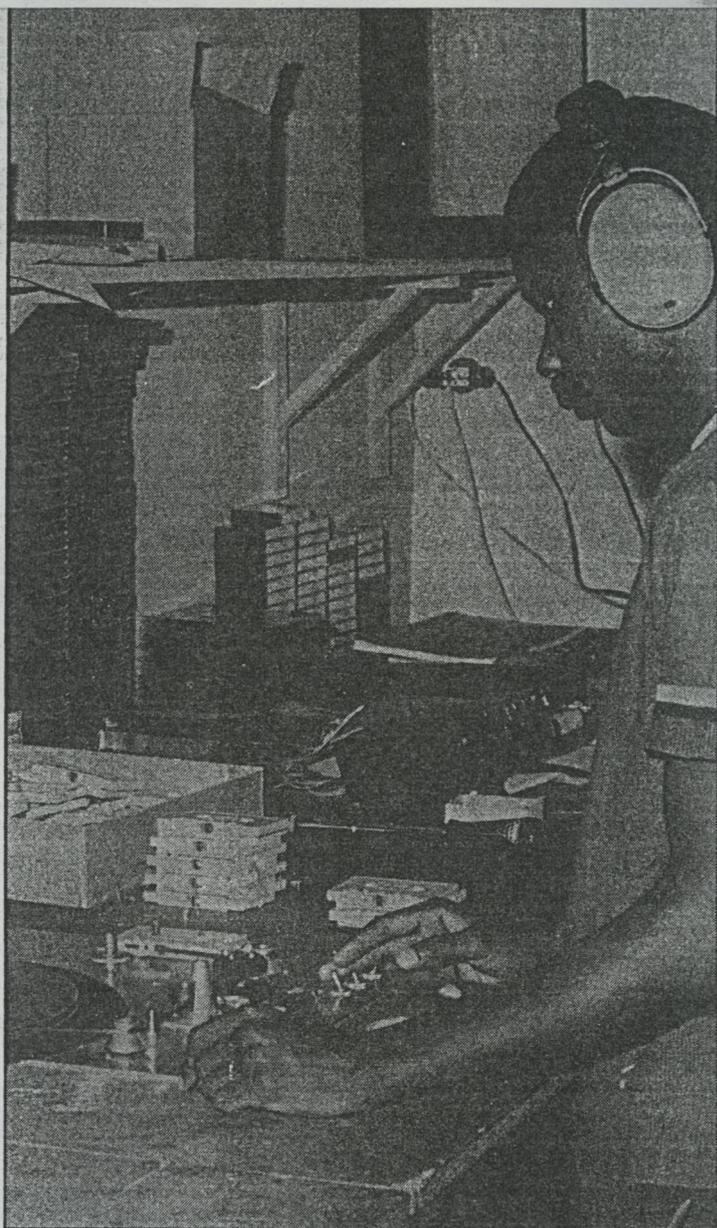


qualidade. E isso, de acordo com Domingos Macamo, é fruto do esforço que as pessoas ligadas à produção do disco fazem no sentido de levar ao público um produto de mérito e que não comprometa a reputação da música e dos discos nacionais, quer no país, como no estrangeiro. A qualidade conseguida é o resultado do brio e profissionalismo porque nem parece que nas fábricas de discos, entre nós, está a ser utilizada uma tecnologia de prensagem de uma tecnologia não muito avançada; a avançada, ou seja a automatizada, existe só que será empregue na altura em que houver necessidade de se efectuarem tiragens muito grandes, dada a velocidade em que a prensagem de discos é feita. Para já, a produção discográfica realizada não compromete ninguém. É boa. E, segundo, Domingos Macamo, «tem gabarito e com ela pode-se, nem receios, penetrar no mercado afro-austral do disco».

#### NGOMA: ETIQUETA DO DISCO MOÇAMBICANO

Tempos houve em que a etiqueta «Bayete» se impôs no mercado discográfico moçambicano. Foi durante pouco mais de metade da década de 1970, pois em 1978/79 surgiu uma nova etiqueta para o disco nacional: **Ngoma** — que foi criada, com o seu logotipo de máscara épica e mítica, no (então) sector do disco do Instituto Nacional do Livro e do Disco. **Ngoma** obedece aos aspectos fonéticos e culturais dos moçambicanos. Designa batuque, som e música em todo o território moçambicano. Não incrusta regionalismos linguísticos, nem especificidades rítmico-tradicionais de uma étnia. **Ngoma** está presente em todos os actos do folclore nacional. Significa tom, tambor, melodia de Norte a Sul de Moçambique! Tanto assim é que foi aproveitado para titular um programa radiofónico de grande vulto: a «Parada-de-Sucessos» da Rádio Moçambique, da qual se extraíram obras musicais para edição em disco. O disco passou do Instituto do Livro para a RM em 1982, com todo o pessoal que a ele estava adstrito.

Música em cassetes: Aposta da RM, por uma divulgação eficaz da música moçambicana



Para a edição de discos **Ngoma**, na RM, são recebidos e auscultados músicos, ouvidas as suas composições, seleccionadas as melhores canções, em termos temáticos e de «swing», e, em função de contrato, gravadas nos estúdios, e em fita magnética, enviadas para a África do Sul para gravação da respectiva matriz que viabiliza a prensagem do disco. Isso envolve custos a cargo da RM como editora discográfica: o pagamento de «cachet» (no acto de gravação, em estúdio) e de royalties ou percentagens sobre as vendas dos discos editados. Uma polémica está em curso sobre os «cachet» ora pagos aos músicos. Em vista disso, está a ser considerada a possibilidade de se elevar o valor monetário de cada contrato de gravação para disco.

Entre artistas-intérpretes e com-

positores de música de raiz tradicional moçambicana, vivo interesse há em gravar composições para disco. Pode-se dar o exemplo do músico de Inhambane, Salomão Tamele que, acompanhado orquestralmente pelo conjunto «Costa Oriental d'África», poderá ter as suas músicas divulgadas em disco. São músicas de ritmo quente dos chopos, como é o caso do «Xibububo», «muzeno» e «mbila-tsavé», cantadas em hope e em xitsua. Entre as mulheres-artistas pode-se já falar de uma nova voz que vem de Manica e que junto dos «Hokolokwè» se lançou e está a afirmar-se como intérprete-musical: Luísa Boaventura, para quem fazer música e cantar não tem sentido nem valor artístico, quando não se traduz em discos ou cassetes gravadas, comprados e ouvidos pelo público.

Como Salomão e como Luísa há dezenas de músicos a alimentar esperanças de possuir pelo menos um disco gravado, seja ele «LP» ou «single», embora em quantidades mínimas (1 500 exemplares) porque nos tempos correntes é caro produzir discos. Os preços do PVC, da laboração de matrizes e do papel (para a feitura de rótulos e capas de discos) elevaram-se substancialmente e os seus custos acrescidos das despesas de assistência aos músicos, em momentos de gravação, tornam a produção discográfica financeiramente incomportável e fazem do disco um produto caro. — A cassete da etiqueta Ngoma é uma alternativa que pode corresponder a uma indústria cultural e musical de custos baixos, de fácil divulgação e de difusão internacional mais rentável, em divisas, para Moçambique.

#### PREVENÇÃO CONTRA PLAGIOS

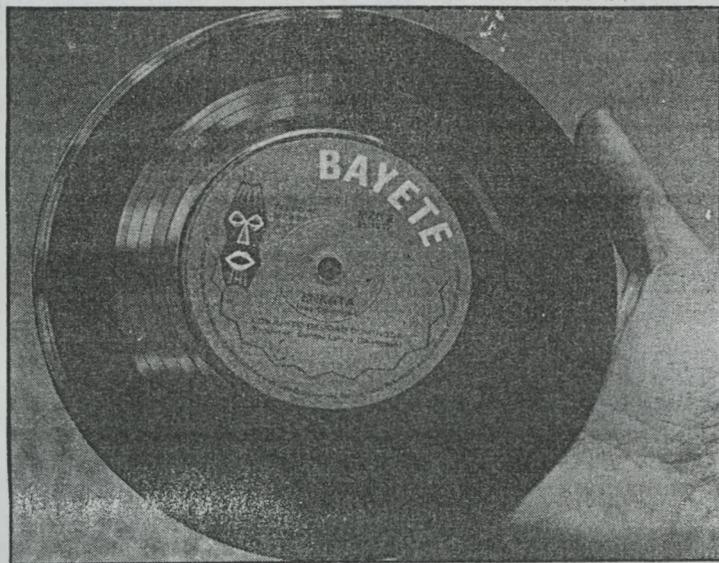
Sabido é que não existe, entre nós, uma agência encarregada de registar composições musicais e, no fim de contas, de tratar de processos e factos inerentes aos direitos de autor, na arena das artes musicais. No sector do disco da Rádio Moçambique um livro, de dimensões aproximadas a 60X30 centímetros serve para nele se registarem as edições discográficas. É um registo rudimentar, mas que cumpre uma função de identificação de qualquer música que tenha sido editada na etiqueta Ngoma, e assim barra-se o caminho ao

plágio musical. O combate ao plágio musical devia ter alicerces. E a defesa dos nossos artistas, entre nós, devia até reflectir-se no exterior, através da filiação de Moçambique em organismos internacionais dos direitos autorais, para que a coberto da «coleção» de músicas moçambicanas, ninguém lá fora regrave a música moçambicana, sem nada pagar aos autores originais. Muitos trabalhos musicais do «Djambo 70» e de Fany Pfumo, por exemplo, foram rearranjados por artistas estrangeiros; quem fica a perder, em termos de património cultural, somos nós», diz Domingos Macamo que apela às autoridades culturais do nosso país para que regularizem a questão dos direitos autorais dos músicos, porque a nossa cultura musical está a ser pilhada!

Em relação à música que nos chega do estrangeiro, como os ritmos do «reggae», «beat» e «rock», a Rádio Moçambique, como edito-

ra, não coloca barreiras: Humbe Benedito fez um «reggae» intitulado «Free Néelson Mandela», cantado em Inglês, mas de profunda criação própria ou pessoal e mais três ou cinco artistas já possuem canções com ritmias estranhas às de Carliz moçambicano. Não há, porém, orientações, nem contrárias nem a favor do registo de tais canções de ritmos estrangeiros ou interpretadas em línguas estrangeiras.

Domingos Macamo defende que sendo a música uma factor de união de povos, quer através de línguas tão conhecidas como o inglês, seria útil que os artistas moçambicanos pudessem pertencer ao universo dos artistas que são bem entendidos pelo mundo fora por cantarem, por exemplo em inglês — cuja utilização, pelos nossos compositores-intérpretes, devia ser de encorajar, porque, como advoga, «temos necessidade de exportar a nossa música» para povos que não entendem as mensagens



**Matrizes:**  
A esquerda, «singles», com a etiqueta Ngoma, vão aparecer no mercado discográfico moçambicano

nas nossas línguas moçambicanas ou em português.

A questão das línguas na interpretação musical tem de ser vista em função do interesse cultural dos moçambicanos, «mas também da representatividade de Moçambique no exterior; um «beat» moçambicano, cantado em inglês, ajudar-nos-ia a sermos melhor compreendidos», enfatiza o editor discográfico da Rádio Moçambique, que pretende que os estúdios da Beira apoiem melhor a recolha e gravação de música, do Centro e Norte do nosso país, que aceite a aceitação internacional.